



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS**

LUIZ MACIANO ARAÚJO PEREIRA

**ENTRE VERSOS E BERIMBAUS: A CAPOEIRA E O ENSINO DE HISTÓRIA
AFRO-BRASILEIRA NA EMEFM PE. SIMÃO FILETO EM CUBATI-PB (2024)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

LUIZ MACIANO ARAÚJO PEREIRA

**ENTRE VERSOS E BERIMBAUS: A CAPOEIRA E O ENSINO DE HISTÓRIA
AFRO-BRASILEIRA NA EMEFM PE. SIMÃO FILETO EM CUBATI-PB (2024)**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra^a Silede Leila Oliveira Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

AGRADECIMENTOS

Ao final de mais um ciclo de minha vida não poderia deixar de agradecer imensamente às pessoas que estiveram presentes nessa minha caminhada. Agradeço a minha família, meus amigos, meus mestres e professores, e à Capoeira, que deram sentido, motivação e me ajudaram para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre práticas pedagógicas no âmbito do ensino de História realizadas nas turmas de ensino integral da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Simão Fileto, situada na cidade de Cubati-PB, no ano de 2024, referenciando o histórico do Projeto Cubatiense de Inclusão pela Capoeira e pelas Manifestações Afro-brasileiras e sua contribuição para a inserção da capoeira nas escolas do referido município. A experiência pedagógica se refere às atividades realizadas nas aulas de Capoeira, na disciplina de Cultura e Arte, que envolve a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira, desenvolvidas nas turmas 6º ano (A/B), 7º ano(A/B) e 8º ano (A/B). Nesse sentido, no presente relato abordamos qualitativamente as atividades desenvolvidas, com auxílio de uma análise bibliográfica e do método de pesquisa-ação. As fontes utilizadas foram as músicas e as anotações sobre a prática pedagógica. Para fundamentar o trabalho utilizei Bittencourt (2018); Brasil (1988), (1996), (2003); Freire (1996); Campos (2001); Souza (2016); entre outros.

Palavras-chave: Capoeira; Lei 10.639/03; Educação Antirracista, História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Ensino de História.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEFM	Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases;
MNU	Movimento Negro Unificado
PB	Paraíba
PPP	Projeto Político Pedagógico
PE.	Padre
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Aula com a turma do 6º ano</i>	26
<i>Figura 2 - Aula com a turma do 8º ano</i>	32
<i>Figura 3 - Aula com a turma do 7º ano</i>	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA E O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO DOS AFRICANOS NO BRASIL: A LEI 10.639/2003 E O COMBATE AS DESIGUALDADES HISTÓRICAS	9
1.1 HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	12
1.2 A CAPOEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/2003	14
2. DO PROJETO SOCIOCULTURAL À SALA DE AULA: A CAPOEIRA CHEGA À ESCOLA PADRE SIMÃO FILETO EM CUBATI-PB.....	17
2.1 A CAPOEIRA E A MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA E RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	23
2.1 “QUANDO EU VENHO DE LUANDA”: DIÁSPORA AFRICANA, COLONIZAÇÃO E O PROJETO DE DESTRUIÇÃO DO POVO AFRICANO	24
2.2 A MÚSICA “CORTA CANA”, O TRABALHO E A CONDIÇÃO DOS ESCRAVIZADOS NEGROS: “LIVRE COMO UM ANIMAL E ACUADO COMO UM BICHO”	27
2.3 “DONA ISABEL QUE HISTÓRIA É ESSA? A PRINCESA BOAZINHA QUE FEZ A ABOLIÇÃO”? NÃO, A ABOLIAÇÃO SE FEZ NO E COM O SANGUE DOS NEGROS	29
2.4 A MÚSICA “ÁFRICA MEU LUGAR” E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA E DE PERTENCIMENTO	31
2.5 A DERROTA DO MARECHAL”: O PROJETO DE CRIMINALIZAÇÃO E PROIBIÇÃO DA CAPOEIRA E A RESISTÊNCIA DOS NEGROS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

No início, em 2015, ao ingressar no curso de Licenciatura em História, fui percebendo que cada estudante apresentava inclinação para estudo de alguma temática. Eu, por já estar inserido há algum tempo no universo da prática da Capoeira, me identifiquei facilmente com a temática africana e afro-brasileira. Cabe ressaltar que a Capoeira foi responsável por eu voltar a estudar, concluir o ensino médio e ingressar na universidade, não só pela disciplina e valorização do estudo que o meu mestre prega, mas também pela necessidade de poder conhecer mais afundo sua história e a do povo responsável pela sua criação.

A temática que vou tratar é a do Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, que apesar de ser conteúdo obrigatório nos estabelecimentos escolares, ainda vem tentando ganhar seu espaço. A Lei 10.639/03 acrescenta à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) alguns artigos que contemplam a referida temática. Como conteúdo programático, esta lei dispõe sobre incluir “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”.

Nesse sentido, temos a problemática de como a Capoeira pode ser utilizada para o ensino dos conteúdos apresentados anteriormente. Para isso, trago um relato de experiência que trata do ensino da temática africana e afro-brasileira nas aulas de capoeira no ensino integral da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Simão Fileto, no município de Cubati-PB, no ano letivo de 2024.

O relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre práticas pedagógicas no âmbito do ensino de história. Para isso, esse trabalho terá uma abordagem qualitativa, que busca discorrer sobre questões particulares, ocupando-se “com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO et al, 2008, p. 21-22).

Para mais, será realizada a partir de um processo exploratório no intuito de “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2007 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35), através de análise bibliográfica, a qual, “envolverá o procedimento de levantamento da bibliografia e os documentos referentes ao problema em questão” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p.

119), ou seja, “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37). Também utilizaremos do método de pesquisa-ação, que é “um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos” (THIOLLENT, 2011, p. 8).

Ao utilizarmos o respectivo método, temos como fonte de pesquisa nossas ações, ou seja, nossas intervenções com a Capoeira, no ambiente escolar, uma vez que, as aulas de Capoeira promovendo o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira dialogam com as outras fontes, como as músicas de capoeira, no intuito de comprovarmos a eficácia da utilização dessa manifestação no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ressaltar que o desenvolvimento das aulas se deu no campo teórico-prático.

Nesse relato, para tratar do ensino de história e da prática pedagógica e seus métodos, utilizei Bittencourt (2008), Chaves (2021), e Freire (1996); na discussão sobre currículo e ensino eurocentrista e antirracista busquei aporte em Oliveira, Pedroza e Pulino (2023) e Silva (2021); ao abordar a escravidão, diáspora negra e abolição usei Lucindo (2022) e Prandi (2010); para tratar de alguns conceitos e vivências da capoeira me embasei em Abib (2006), Amaral e Santos (2015), Campos (2001), Mattos (2005), Souza (2016); em se tratando da Lei 10.639/03 e da formação de professores, trouxe além do texto da lei, Almeida e Sanchez (2017), Gomes (2003), Oliva (2008), Paula e Guimarães (2014). No decorrer do trabalho dialoguei com a legislação referente à educação no âmbito federal e municipal, a saber, Brasil (1988; 1996) e Cubati (2015).

A partir de meu envolvimento no projeto de educação antirracista, um lugar de fala que a capoeira me mostrou a necessidade de estar, pude conhecer mais a fundo a Lei 10.639/03 e sua importância para uma educação baseada nas relações étnico-raciais; identificamos quais obstáculos impedem que o que é determinado por essa lei seja implementado de forma efetiva; mostramos como a Capoeira pode contribuir para o ensino que engloba a história e a cultura dos povos africanos e afrodescendentes. Diante disso, busco contribuir com pesquisas posteriores, uma vez que a produção material relacionada à Capoeira no contexto escolar, de um ponto de vista histórico, é escassa e, muitas vezes, não atende às necessidades e requisitos dos pesquisadores.

Esse trabalho encontra-se estruturado em duas partes. No primeiro capítulo intitulado “*História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e o processo de escravização dos Africanos no Brasil: a Lei 10.639/2003 e o combate às desigualdades históricas*” traz uma breve

apresentação da temática História e Cultura Africana e Afro-brasileira e do processo de escravização dos africanos no Brasil. Mais adiante faço uma contextualização a respeito da Lei Federal 10.639/2003, explanando sobre o processo histórico que resultou no seu surgimento e o que ela determina, apontando alguns fatores que dificultam a sua implementação e a importância da abordagem correta dessa temática nas escolas de Ensino Fundamental II. A partir disso, busco mostrar como Capoeira pode contribuir no ensino da temática africana e afro-brasileira.

Já no capítulo 2, denominado *“Do Projeto sociocultural à sala de aula: a Capoeira chega à Escola Padre Simão Fileto em Cubati-PB”* apresento o Projeto Cubatiense de Inclusão pela Capoeira e pelas Manifestações Afro-brasileiras e o seu histórico, como também o percurso da capoeira para chegar às salas de aula do nosso município e sua inserção mais especificamente na Escola Padre Simão Fileto, em Cubati-PB. Trato também da utilização da capoeira e de suas músicas como fonte histórica e recurso para o ensino de História, trazendo os relatos das aulas desenvolvidas. Finalizo com algumas considerações, expondo os resultados e a relevância do trabalho desenvolvido.

1. HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA E O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO DOS AFRICANOS NO BRASIL: A LEI 10.639/2003 E O COMBATE AS DESIGUALDADES HISTÓRICAS

O povo negro trazido da África e escravizado no Brasil tem uma contribuição muito relevante na construção sócio-histórica do nosso país. Segundo Prandi (2010, p.19),

Entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil na condição de escravos, não estando incluídos neste número, que é uma aproximação, aqueles que morreram ainda em solo africano, vitimados pela violência da caça escravista, nem os que pereceram na travessia oceânica.

A partir disso, vemos que nossas bases são escravistas, essa é uma condição inegável que a sociedade brasileira carrega. Mas, a partir dessa autocrítica, devemos reconhecer a importância do negro na história do Brasil, uma vez que, em todas as vertentes esse povo que sofreu a duras penas o processo de escravização e ainda hoje sofre em função disso, teve a disposição e coragem de lutar e resistir. Nesse sentido, precisamos saber que o negro foi

[...] obrigado a incorporar-se numa cultura nacional, europeia, branca e cristã, sem o que não era possível sobreviver – e o sincretismo católico das religiões afro-brasileiras é a demonstração emblemática dessa obrigatoriedade de ser brasileiro e por conseguinte católico, mesmo quando se é africano e se cultuam os orixás, voduns e inquices – pois bem, esqueceu sua origem. Já não é capaz de saber de onde vieram seus ancestrais, se eram dessa ou daquela tribo ou cidade, que língua falavam, nem mesmo sabe se eram bantos ou sudaneses. (PRANDI, 2010, p.35).

Mesmo estando nós, conscientes disso, esse mérito ainda lhe é negado e, ao tratar do ensino dessa temática, as práticas curriculares nas escolas reproduzem estigmas, se equivocam e promovem práticas racistas (in)conscientemente, promovendo-a de maneira superficial e, não raro, negando a imagem desse povo, pois a representação do negro na sala de aula só resgata a história de quando ele foi escravo, sem ressaltar sua influência positiva na história da nossa sociedade. Esse pode ser considerado um dos fatores que mais contribuem com a marginalização e discriminação do povo negro.

Nesse sentido, em 2003, foi sancionada a Lei 10.639, resultado de lutas intensas, travadas ao longo da história pelos movimentos sociais, com destaque para o Movimento Negro Unificado (MNU)¹, e por pessoas que comungavam com os mesmos ideais. Todo o processo de luta e reivindicações foi essencial para o fortalecimento da causa negra. A referida lei foi implementada com o intuito de resgatar, difundir e valorizar a história e a cultura do povo negro, possibilitando a inserção de várias manifestações culturais de origem africana e afro-brasileira no contexto escolar, para serem utilizadas como ferramentas de promoção do ensino da respectiva temática.

Um das manifestações culturais africanas que podem promover significativamente a difusão e valorização da história e cultura do povo negro é a Capoeira, que teve sua origem nas senzalas, em um momento crítico de resistência e luta contra a escravidão. Logo após a abolição da escravatura, ela passou por um longo período de marginalização, o que a levou a circunscrever-se às periferias dos grandes centros urbanos, sendo considerada crime e inserida no código penal junto com outras manifestações de matriz africana. A Capoeira é um jogo, misto de luta e dança, que envolve seus praticantes através da energia do seu ritmo. Como Souza (2016, p.12) ressalta,

O jogo da Capoeira é a síntese da dança: a sua essência, disfarçada em brinquedo, em vadiagem - distração de quem busca extravasar cada função interior nos gestos exteriores. Nessa dança se manifesta a tradição milenar da cultura negra de

¹ O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta e conquistas da população negra no Brasil. Nascida em meio à [ditadura militar](#), 1978, a criação do movimento é marcada por uma manifestação que reuniu milhares de pessoas em frente ao Teatro Municipal de São Paulo. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>

reverenciar as origens, cada vez que se repetem gestos ancestrais, renovados: o jogo da Capoeira é um vínculo com nossos antepassados que praticaram os mesmos atos.

Diante disso, nota-se que a Capoeira tem bagagem histórica e possui recursos indispensáveis para valorizar e explicar a diáspora africana no Brasil. Se for trabalhada da maneira correta, pode difundir e afirmar a história dos negros, que condiz com a história de grande parte da população brasileira, afrodescendente e pobre. A partir dos fundamentos e tradições ancestrais, a Capoeira pode atuar como uma ferramenta de grande importância para uma educação fundada nas relações étnico-raciais. Para mais, sabe-se da necessidade de trabalhá-la também numa perspectiva histórica, pois, na maioria dos casos, a Capoeira só é trabalhada na perspectiva motora.

A Constituição Federal de 1988 nos traz algumas disposições no que diz respeito à educação e à cultura, só que de maneira ampla. Em 1989, no sentido de combater os preconceitos relacionados a raça ou cor, é aprovada a Lei 7.716, que define os crimes resultantes do preconceito racial.

Nesse mesmo sentido, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu Artigo 3º, inciso XII, traz como um de seus princípios a “consideração com a diversidade étnico-racial” (BRASIL, 1996), trazendo também no corpo do seu texto disposições para o ensino de história da África e dos africanos. Já em 1997, é aprovada a Lei 9.459, que teve com o objetivo ampliar a abrangência da Lei 7.716/1989, incluindo crimes de discriminação e preconceito de etnia, de religião e de procedência nacional.

No ano de 2003, depois de muitos anos de luta em prol da sua valorização, a história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros ganhou mais um instrumento legal para sua proteção e que favorece sua difusão: a Lei Federal nº 10.639, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a LDB, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, de modo a incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003).

Sabe-se que, em nosso país, as leis têm, na maioria das vezes, um papel discriminatório, não por seu conteúdo, mas sim pelo não cumprimento das normas, o que se dá principalmente pela cultura colonizadora que está presente aqui desde o “descobrimento”, dividindo a sociedade em grupos sociais e raciais, o que resultou em uma dívida histórica para com o povo negro, a qual merece um olhar diferenciado. Em se tratando do campo educacional, que reflete esse enfrentamento social, Almeida e Sanchez (2017, p. 56) afirmam que

Por ser reconhecida como forma estratégica de intervenção na realidade, a Educação tornou-se cenário de disputas políticas e ideológicas, sendo um dos principais campos a elaboração de leis. Leis são frutos de processos de embates e disputas de grupos organizados da sociedade em torno de múltiplos interesses.

Desse modo, a Lei 10.639/2003 foi sancionada para atender – embora tardiamente – ao interesse de um povo que sofreu com a escravidão e que há muito tempo vinha sendo lembrado apenas numa perspectiva negativa, vestida de preconceito e discriminação. Com isso, “Tal legislação atende a reivindicações históricas dos movimentos sociais organizados, sobretudo os movimentos negros e indígenas, e pode ser compreendida como parte dos esforços visando a combater desigualdades historicamente perpetuadas em nossa sociedade” (SANTOS, 2010, p. 59), buscando assim, equiparar ao máximo os indivíduos na sociedade. Diante das reflexões tecidas até aqui, a seguir trataremos do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em turmas do Ensino Fundamental II.

1.1 HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

O conhecimento histórico é fundamental à promoção de uma educação para as relações étnico-raciais, pois abrange o estudo dos mais diferentes povos e de suas culturas. Assim, a escola não deve atribuir importância somente aos conhecimentos linguísticos e matemáticos que, não raro, são adquiridos mecanicamente, deixando de lado a formação humana que busca a autonomia e o respeito entre os sujeitos. Nessa vertente, Santos (2010, p. 60) defende que

[...] o reconhecimento da História como uma das disciplinas escolares a se responsabilizar, privilegiadamente, pela educação das relações étnico-raciais na Educação Básica – como expresso na Lei no 10.639/03 – obedece não apenas a critérios epistemológicos – a contribuição óbvia dessa disciplina para o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira – mas a critérios político-sociais.

Desse modo, é evidente que o ensino de História, voltado para a temática africana e afro-brasileira, tem um caráter revolucionário, de afirmação sociocultural, que democratiza o currículo e as relações no âmbito escolar. Nessa direção, é importante considerarmos que a etapa do Ensino Fundamental² II é um âmbito educacional no qual os estudantes dão

² “Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

continuidade à construção de sua identidade a partir de valores adquiridos através da convivência, é de suma importância a presença da temática africana nessas instituições de ensino, tendo em vista que esta pode favorecer relações étnico-raciais fundadas na ética e no respeito.

No entanto, Oliva (2008, p. 202) enfatiza que a forma como o tema foi retratado nas escolas brasileiras, nos últimos anos, aponta “para a existência de uma grande lacuna ou para um período de intensos esquecimentos”. Com isso, vemos que a sala de aula pode se tornar um ambiente meio que hostil para crianças negras, pois não têm nenhuma, ou poucas, referências históricas dos seus antepassados. Nesse sentido, Gomes (2003, p. 171-172) afirma que

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Por esse motivo, é necessário – além da lei – traçar objetivos em torno dessa temática, buscando estratégias que venham a contribuir para um processo de ensino e aprendizagem consistente, a fim de romper com as práticas racistas e discriminatórias. Esse processo requer do professor muito empenho e dedicação, pois ele tem o papel de facilitador do aprendizado.

Para isso, como Freire (1996) postula, é necessário que ele tenha consciência de seu inacabamento, pois só assim pode rever sua prática e, a partir disso, descobrir o que falta para que ela se concretize em sua totalidade. Sabemos que a formação inicial dos professores nem sempre é adequada a uma educação baseada nas relações étnico-raciais, por isso é preciso conscientizá-los sobre a importância do ensino voltado para essa temática, que requer uma formação específica. Nessa perspectiva, Paula e Guimarães (2014, p. 445) salientam que

A lei federal 10.639/2003 tornou-se um marco periodizador político, legal e histórico. A formação continuada, que até então era considerada uma panacéia para resolver os problemas do ensino e da aprendizagem na educação escolar básica de um modo geral, torna-se basilar para a implementação da obrigatoriedade do estudo da história e da Cultura Africana e Afro-brasileira, tendo em vista a formação inicial considerada lacunar ou mesmo insatisfatória neste campo.

Com isso, fica claro que a formação de professores voltada para a promoção do ensino da história e cultura negra é um assunto que está na ordem do dia e, pela obrigatoriedade e

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.”

necessidade do ensino da temática que dispõe essa lei, devia ser ofertada a todos os professores/professoras com mais facilidade. Nessa direção, adiante vamos discutir sobre a contribuição da capoeira para a efetivação da Lei 10.639/2003.

1.2 A CAPOEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/2003

A inserção, no ensino, de manifestações culturais de matriz africana/afrodescendente pode ser uma boa estratégia para atender ao estabelecido na Lei 10.639. Essas manifestações trazem consigo uma rica expressão corporal, fruto de uma ligação ancestral com a história dos nossos antepassados. Uma dessas manifestações que pode ser uma ferramenta viabilizadora de uma educação para as relações étnico-raciais é a Capoeira. Segundo Souza (2016, p. 13),

O jogo da Capoeira é o corpo e a essência da luta de resistência negra, primeira e original manifestação libertária da cultura brasileira; é o corpo e a força de antigos ritos preservando mitos e arquétipos da nossa gente. Participando ativamente da resistência comum às variadas formas de dominação física e cultural, desde seu aparecimento nas terras brasileiras a Capoeira corporifica a insurgência à dominação e a defesa da construção de uma nova identidade coletiva: esse jogo não é somente um fermento revolucionário – mas referência nas transformações sociais – firmado nas mais antigas raízes culturais do povo brasileiro. Nascida no anseio de liberdade dos escravos africanos no Brasil a Capoeira é a voz do povo brasileiro na luta pela afirmação da sua identidade num diálogo igualitário, respeitoso e fraterno entre todas as pessoas.

Nessa perspectiva, fica evidente que a Capoeira tem papel fundante no processo histórico cultural de resistência contra a escravidão no Brasil. Para Amaral e Santos (2015, p. 56-57),

[...] a capoeira foi uma resposta marcante e duradoura dada pelo negro ao sistema escravagista, cruel e desumano, imposto pelo colonizador europeu. Portanto, uma prática ancestral que se originou nas senzalas, fruto da luta do fraco contra o mais forte, em que a astúcia era uma das únicas armas para enfrentar a força do opressor, tornando-se uma das mais importantes manifestações da cultura de resistência do negro escravizado no Brasil Colonial.

Portanto, a Capoeira, que construiu sua história paralelamente com a do nosso país, “é uma excelente atividade física e de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno” (CAMPOS, 2001, p. 23). Já que africanos e afrodescendentes são o elo que liga essas duas histórias, de certo modo unificando-as, podemos afirmar que ela possibilita um ensino mais aprofundado sobre a temática afro-brasileira. Para mais, devemos enfatizar que a Capoeira une diversos elementos para serem trabalhados em suas aulas, como os movimentos

corporais e a musicalidade, os quais materializam a história negra, tornando as aulas mais atrativas e empolgantes. Para isso, Campos (2001, p. 27) ressalta que

[...] a aprendizagem da Capoeira não terá tão somente um aspecto técnico de aprender determinada forma de luta e de esporte; o ensino dos golpes e seqüências deverá ser acompanhado da transmissão de todos os elementos que envolvem a sua cultura, história, origem e evolução, ao tempo em que se estimulará a pesquisa, debate e discussão em seminários, para que o educando tenha uma participação efetiva no contexto da Capoeira como um todo. A idéia é que durante as aulas os alunos possam participar de maneira integrada, jogando, cantando e tocando.

Assim, por ser uma manifestação que mistura luta, dança, toques, cantigas e saberes ancestrais, a Capoeira enriquece o processo de ensino-aprendizagem, pois dá um leque de possibilidades para o professor trabalhar em suas aulas, sejam elas puramente de Capoeira, ou de outras disciplinas que a utilizem. Por esse motivo, fica claro que essa manifestação tem um caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, e contribui para a efetivação da Lei 10.639/2003 nas escolas de Ensino Fundamental II.

A Capoeira é libertadora e bate de frente com as falsas ideologias pregadas em sala de aula, que abordam a história do negro com uma visão eurocentrista, ou seja, numa perspectiva do colonizador. Temos como exemplo a ideia de que por muito tempo foi difundida nas escolas de que a Princesa Isabel foi uma heroína no processo de libertação dos negros escravizados. Isso é uma afronta à história, pois nega toda a luta e sofrimento desse povo. Nesse sentido, a emblemática música de capoeira “Dona Isabel”, do Mestre Toni Vargas³, nos faz refletir sobre isso. Mais adiante, ao apresentarmos as atividades desenvolvidas em sala de aula, trataremos detalhadamente da análise da letra.

Diante disso, podemos inferir que a musicalidade da Capoeira tem uma importante função no resgate da história e na difusão de verdades, como também é um elemento de integração entre os participantes da roda, porém, isso exige do educador conhecimento sobre o assunto e estratégias planejadas anteriormente para explorar as informações contidas nas músicas. A oralidade do capoeirista, quando canta contando histórias, mexe com o imaginário dos alunos, desperta a liberdade através de uma energia singular, expressa de maneira simples,

³ Antônio César de Vargas, Mestre Toni Vargas, é formado em Educação Física e pós-graduado em dança. Participou de diversos discos e tem músicas gravadas em vários CD'S, tem cds gravados, desenvolve um trabalho com crianças e coordena uma instituição de educação infantil. Mestre Tony Vargas é um dos maiores poetas da capoeira – foi homenageado pela Superliga Brasileira de Capoeira como um dos melhores do século em Curitiba – PR pelo Mestre Burguês em 09/09/2000. Disponível em: <<https://portalcapoeira.com/capoeira/mestres/mestre-toni-vargas/#:~:text=Mestre%20Tony%20Vargas%20%C3%A9%20um%20dos%20maiores>>. Acesso em: 12 jul 2024.

mas com uma riqueza de significações. Nessa mesma vertente, sobre a importância da musicalidade na Capoeira, Abib (2006, p. 93-94) enfatiza que

As músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuam os antepassados, seus feitos heróicos, seus exemplos de conduta, fatos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras, o passado de dor e sofrimento dos tempos da escravidão, as estratégias e astúcias presentes nesse universo, assim como também as mensagens.

Logo, a partir das músicas de capoeira pode-se conhecer alguns heróis da história negra no Brasil, como Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba, Dandara, Mestre Pastinha, Mestre Bimba, Besouro Mangangá e outros que viveram em prol da liberdade desse povo.

Acerca da oralidade presente nas relações de ensino da Capoeira, um depoimento de Cinézio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa)⁴, apresentado por Abib (2006, p. 90), enfatiza a sua importância na troca de saberes ancestrais. Para o mestre,

O mais importante nessa tradição é o hálito, é o que você tá passando... a sua alma que você tá transmitindo [faz o gesto como se estivesse passando a alma através da boca]. Então você não está transmitindo simplesmente a sua palavra, mas o hálito... a alma... então, quando você recebe aquilo, você tá recebendo uma tradição de muitos e muitos antepassados, porque alguém já me passou isso... agora eu tô passando pra você, você vai internalizar, e depois vai poder passar a mesma coisa para o outro, então é muito mais do que você pegar o livro e ler... tem uma alma ali, tem um gesto, um olhar, tem uma forma (...) tudo isso fica marcado, porque é legal você ler um livro, mas a emoção de alguém estar te contando uma coisa, te passando alguma coisa, tem todo um gesto, um brilho nos olhos, que você sente uma alma sendo passada para você.

Nessa perspectiva da transmissão oral de tradições ancestrais, podemos fazer uma analogia com o sopro sagrado de Olorum, que segundo a cultura iorubá foi o ato criador do universo, pois a cada ensinamento se (re)criam novos universos, novos seres, resultantes dessa relação interpessoal.

Além das músicas e histórias, expressas através da oralidade, os instrumentos utilizados nas aulas e rodas de Capoeira despertam uma curiosidade nos alunos, principalmente o berimbau⁵ e o atabaque⁶, talvez pela ancestralidade transmitida através deles

⁴ Mestre de Capoeira Angola, formado por Mestre Moraes, graduado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador (1993). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Capoeira Angola e artes marciais africanas, cultura Bantu e cosmologia Bantu, identidade e ancestralidade. Atua ativamente na área de agroecologia, permacultura, bioconstrução, agrofloresta e organização comunitária. Fala inglês fluente e compreende o espanhol. Doutorando no DMMDC/UFBA. Orientando de Eduardo Oliveira.

⁵ Segundo Campos (2001, p. 51), o berimbau é um “Instrumento de percussão, em formato de arco, retesado por um fio de arame, tendo, na sua extremidade inferior, uma cabaça que funciona como caixa de ressonância”.

⁶ Segundo Mattos (2005, p. 27), o atabaque “Constitui-se de um tambor cilíndrico, ligeiramente côncavo e comprido, onde apenas a abertura maior é coberta por couro animal (de bode, carneiro ou boi)”.

e/ou por não serem tão comuns e acessíveis no cenário escolar. Em consonância com isso, Campos (2001, p. 51) aponta que “Os instrumentos têm uma importância peculiar nas aulas e nas apresentações da Capoeira. Eles ditam o ritmo em que devem jogar os alunos e estimulam os movimentos através de uma vibração mágica interior.” Essa vibração mágica faz os alunos transcenderem através da prática da Capoeira.

No que diz respeito aos movimentos da Capoeira, sabemos que são representações corporais que remetem aos seres e fenômenos da natureza, como também, que são releituras das lutas dos ancestrais negros, ou seja, são a materialização da sua história e estão intrinsecamente ligados à musicalidade/ritmo. Para mais, Campos (2001, p. 132) sustenta que

Em relação ao ritmo e ao movimento, as experiências são, a rigor, simplesmente maravilhosas e causam uma enorme satisfação pessoal. Ao mesmo tempo que desperta[m] no aluno a consciência corporal, reconhecendo a mecânica do movimento, possibilita[m] também que o aluno tenha uma expressão autêntica com plena liberdade para criar.

Diante disso, vemos que essa riqueza de elementos que a Capoeira possui é um ponto muito positivo para abordar a história e cultura africana e afro-brasileira de maneira mais didática e agradável, uma vez que, perpassando a teoria, viabiliza utilizar métodos que concretizam o resgate e a difusão dessa história.

Desse modo, vê-se a necessidade de uma abordagem diferente da temática, que só se dará a partir da construção de uma visão antirracista para com ela, e que a Capoeira precisa estar presente nas escolas, porém, os profissionais responsáveis pela execução das aulas devem ser capacitados, para que a prática educativa através da Capoeira seja efetiva, humanizadora e emancipatória, favorecendo uma verdadeira implementação da Lei 10.639/2003.

A seguir vamos tratar do percurso que a capoeira cubatiense seguiu, desde o início do projeto sociocultural até adentrar às salas de aula da Escola Padre Simão Fileto, relatando também a nossa prática em sala de aula utilizando algumas músicas de capoeira para o ensino da temática africana e afro-brasileira.

2. DO PROJETO SOCIOCULTURAL À SALA DE AULA: A CAPOEIRA CHEGA À ESCOLA PADRE SIMÃO FILETO EM CUBATI-PB

É notório que, na maioria dos casos, a escola é segregadora e que os processos de ensino-aprendizagem se tornam inconsistentes e excludentes, negligenciando a história de

muitos sujeitos presentes nas salas de aula e impossibilitando a afirmação de sua identidade. O povo negro é estigmatizado da escravidão até os dias de hoje, e há uma dívida histórica para com ele. Diante disso, esse relato traz algumas vivências em sala de aula na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Padre Simão Fileto⁷, no município de Cubati-PB, nas quais utilizamos as aulas de capoeira como ferramenta de ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

A Capoeira, manifestação afro-brasileira que esteve presente na resistência negra contra a escravidão, vem conquistando cada vez mais seu espaço na sociedade brasileira. Sofreu repressão e esteve presente no Código Penal, que considerava sua prática crime. Hoje, em muitas cidades a capoeira está inserida no currículo escolar, sendo uma eficaz ferramenta educativa.

Para a capoeira chegar às salas de aula foi necessário ela enfrentar muitas barreiras e provar a sua referida eficácia. No nosso município, Cubati-PB⁸, foi necessário que um projeto sociocultural se mostrasse eficiente nas práticas educativas e de inclusão social, para que tal inserção acontecesse.

O início das nossas atividades com capoeira se deu em outubro de 2014, com o Projeto Voluntário de Capoeira, que veio a se chamar Projeto Cubatiense de Inclusão pela Capoeira e pelas Manifestações Afro-brasileiras. Essa mudança de nome foi fruto do amadurecimento da ideia e da adaptação para uma perspectiva educativa e de inclusão social.

No decorrer desses quase 10 anos passados, buscamos, a partir de aulas práticas e estudos teóricos, assumir uma identidade diferente, uma vez que, as aulas de capoeira que encontramos na nossa sociedade, na maior parte dos casos tem uma abordagem voltada para o aspecto motor e, dificilmente se ver uma abordagem a fundo da sua origem e história, não se busca profundamente tratar das raízes históricas da capoeira e sua relação com a construção da nossa sociedade.

Durante esses anos de desenvolvimento do projeto buscamos pesquisar e difundir a história do povo negro, criador dessa arte/luta, que fortaleceu a luta contra a escravidão. De

⁷ Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), “A EMEFM Padre Simão Fileto foi construída na década de 70, sendo inaugurada no dia 31-03-1972, na gestão do então Prefeito Constitucional, José de Medeiros Dantas”. Em se tratando do nome da escola, “Vale salientar que essa referência nominal não foi apenas por aquele padre ter participado como religioso na época da fundação de Cubati, mas pela preocupação demonstrada em relação à educação das crianças mais pobres da época”. “A Escola do Ensino Fundamental e Médio Padre Simão Fileto, está localizada à Rua Padre Apolônio, nº 89 Centro - Cubati – PB”. Ela é “Mantida pela Prefeitura Municipal e administrada pela Secretaria Municipal de Educação”.

⁸ Município no estado da Paraíba, localizado na região do Seridó Oriental Paraibano. Segundo o censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui uma população de 7.580 pessoas. Desse total, como consta no site do G1, 54, 21% são pardos e 7, 15% são pretos, o que somados formam uma população negra de 61,36%.

2014 à 2017, com a mesma perspectiva do projeto, também trabalhamos a capoeira no Programa Mais Educação⁹, em turmas de Ensino Fundamental (anos iniciais) e no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)¹⁰ com um público mais variado (crianças/adolescentes).

Após o ano de 2017, o Programa Mais Educação se encerrou na nossa cidade e com o corte de verbas direcionado às secretarias municipais de assistência social, as aulas de capoeira no âmbito desta secretaria se encerraram também, no entanto, nosso projeto voluntário continuou.

Em 2020, infelizmente tivemos que dar uma pausa nas nossas atividades por conta da pandemia de covid-19¹¹, passamos mais de 2 anos parados. O retorno no final 2022, nos mostrou que a capoeira tem realmente o dom de resistir, pois uma boa parte dos alunos/alunas foram retornando aos treinos e logo em seguida, fomos convidados para fazer algumas apresentações nas escolas em alusão à Semana da Consciência Negra¹².

Isso foi uma injeção de ânimo para nosso projeto voltar a caminhar, pois demonstrava a importância das atividades que já vínhamos desenvolvendo. Mesmo não estando na escola como uma atividade da grade curricular, sempre soubemos que, mesmo que parcialmente naquele momento, ali na escola era o lugar da nossa arte.

Em 2015, foi aprovado o Plano Municipal de Educação. Nesse processo foi criada uma meta¹³ de acordo com as necessidades pedagógicas do município. A respectiva meta visava “Implantar a Educação Ambiental, História e Cultura Local, História e Cultura Afro-

⁹ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Disponível em: <[Saiba Mais - Programa Mais Educação - Ministério da Educação \(mec.gov.br\)](http://Saiba Mais - Programa Mais Educação - Ministério da Educação (mec.gov.br))>. Acesso em: 24 ago 2024.

¹⁰ O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é um serviço da Proteção Social Básica do SUAS, ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI). O SCFV realiza atendimentos em grupo. São atividades artísticas, culturais, de lazer e esportivas, dentre outras, de acordo com a idade dos usuários. É uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares. Disponível em: <[Convivência e Fortalecimento de Vínculos — Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome \(www.gov.br\)](http://Convivência e Fortalecimento de Vínculos — Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (www.gov.br))>. Acesso em: 20 ago 2024.

¹¹ A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de Wuhan, no sudeste da China. Disponível em: <[Pandemia de covid-19: origem, histórico, mortes - Brasil Escola \(uol.com.br\)](http://Pandemia de covid-19: origem, histórico, mortes - Brasil Escola (uol.com.br))>. Acesso em: 20 ago 2024.

¹² Evento do calendário escolar da Secretaria Municipal de Educação de Cubati-PB.

¹³ Objetivo a ser alcançado durante a vigência do Plano Municipal de Educação (PME).

brasileira e Indígena”. Além de realizar formações continuadas e criar material pedagógico referente à temática africana, afro-brasileira e indígena, a referida meta também tinha como objetivos “Desenvolver parcerias com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Estadual da Paraíba (NEABi/UEPB), para a realização de palestras e oficinas com alunos e professores” e “Reativar, com pessoal capacitado e com experiência na área, e levar para as escolas os Grupos Culturais de Capoeira e de Maculelê”. Os referidos objetivos também se apresentam como estratégias para o atingimento da meta referente à temática afro-brasileira.

Mesmo com o Plano Municipal de Educação legitimando a presença da capoeira nas escolas do nosso município, essa exigência só voltou a se materializar de fato no ano de 2024. Acreditamos que o ponto crucial para tal, se deu em uma atividade que participamos em 2022, o Evento Se Liga Comunidade, na Escola Cidadã Integral Técnica Iolanda Tereza Chaves de Lima, que tinha por objetivo mostrar para a comunidade cubatiense os projetos desenvolvidos pela escola. Esse momento coincidiu com nosso estágio naquela escola, a saber, o Estágio Supervisionado II, disciplina obrigatória da nossa licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande.

A nossa participação de deu como apresentação cultural do evento, a convite da Professora Andrea Brito, supervisora do meu estágio. Essa apresentação deu mais visibilidade ao nosso trabalho, pois estavam presentes ali, além da comunidade escolar, algumas autoridades municipais.

Após esse momento, em que as falas de professores reafirmaram a importância da capoeira num contexto educativo, tivemos a oportunidade de apresentar nosso projeto junto à prefeitura para tentarmos reinserir as aulas de capoeira nas escolas, só que agora na perspectiva de capoeira na escola em tempo integral¹⁴.

O diálogo surtiu efeito, em 2024, a capoeira voltava para as salas de aula, na disciplina Cultura e Arte da grade do ensino integral, em escolas de Ensino Fundamental Anos Iniciais e em uma de ensino fundamental anos finais, a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Padre Simão Fileto, na qual, além da prática dos exercícios e movimentações, desenvolvemos algumas aulas de capoeira voltadas diretamente para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, cumprindo o que dispõe a Lei Federal 10.639/2003.

¹⁴ Programa do governo federal para fomentar a criação de matrículas em tempo integral em todas as etapas e modalidades da educação básica, na perspectiva da educação integral. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral#:~:text=O%20QUE%20%C3%89:%20Programa%20do%20governo%20federal>>. Acesso em: 12 jul 2024.

Antes de direcionarmos nosso trabalho aos conteúdos desenvolvidos nas aulas, cabe ressaltar que, mesmo nos dias atuais com o fortalecimento da luta antirracista, é recorrente o trato preconceituoso para com qualquer manifestação de ancestralidade afro nas escolas, que apenas reproduz o que acontece nas demais camadas da sociedade. Por isso,

As atividades relacionadas à temática racial requerem aprimoramento para estar de acordo tanto com aquilo que é estabelecido legalmente quanto com o discurso que promove a diversidade. Assim, uma mudança efetiva precisa de iniciativas que se apliquem no cotidiano escolar e de um posicionamento questionador e crítico diante daquilo que é posto como verdade (Oliveira, Pedroza e Pulino, 2023, p. 5).

Nesse sentido, é preciso salientar que alguns estudantes se recusaram e/ou foram proibidos por familiares de participarem das aulas de capoeira, a grande maioria por convicções religiosas, uma vez que, são evangélicos e, segundo eles, sua religião não permite a prática da capoeira, pois equivocadamente associam tanto a capoeira como as manifestações e religiões de matriz africana ao “mal”.

No entanto, vamos falar agora dos pontos positivos/negativos do processo de ensino-aprendizagem com os que se permitiram viver essa rica experiência de conhecer parte da nossa história, que é sem dúvidas, uma história negra.

As aulas relatadas aconteceram no ano letivo de 2024, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Simão Fileto, no município de Cubati-PB. Momento esse que conseguimos inserir a capoeira na disciplina de Cultura e Arte, através das ações que já vinha desenvolvendo no projeto sociocultural que estou à frente desde o ano de 2014. Nessas aulas trabalhamos diretamente com a análise de letras de músicas de capoeira, pois, como ressalta Chaves (2021, p. 298),

As letras de músicas constituem-se em evidências, registros de acontecimentos, e nesse sentido é possível, através das músicas, entender as configurações culturais que moldaram a vida e as ações de alguns povos no passado e que hoje continuam afetando atitudes e crenças.

Nas aulas planejadas e descritas a seguir utilizamos algumas letras de músicas de capoeira como recurso para discutir a temática africana e afro-brasileira. Em todas as nossas aulas utilizamos instrumentos e músicas de capoeira, no entanto, em algumas nos aprofundamos mais, fazendo escuta ativa, interpretação, análise e discussão em torno do conteúdo das músicas.

No primeiro contato com as turmas, após nos apresentarmos em uma roda de conversa, apresentei um pouco do nosso trabalho desenvolvido fora da escola com o Projeto

Cubatiense de Inclusão pela Capoeira e pelas Manifestações Afro-brasileiras e sua importância na preservação e difusão da história e cultura africana e afro-brasileira, e no combate ao racismo, como dispõe a Lei 10.639/2003, e também tratamos da metodologia que adotaremos para desenvolver nossas aulas, ressaltando a importância da capoeira na escola no contexto de construção de um currículo antirracista.

Após esse momento de interação e conhecimento das turmas, para a aula seguinte, planejei e realizei uma aula expositiva e dialogada fazendo uma introdução à história da capoeira. Nesse momento atentamos ao conhecimento prévio das turmas para entendermos seus olhares e opiniões para com a capoeira e o que já sabiam realmente sobre a origem dessa arte.

Um dos principais questionamentos que levantei foi sobre o que é a capoeira e, onde e como se originou. Através desses questionamentos é possível estruturar uma linha de pensamento em torno da história da capoeira, que é a história do povo negro e conseqüentemente, a história do Brasil. Os estudantes em todas as turmas apresentaram opiniões divididas, alguns diziam que é uma luta, outros que é uma dança.

Nas turmas de 6º ano, a maioria dos alunos definiram a capoeira como dança, por conta da utilização dos instrumentos musicais na sua prática. Já nas turmas de 7º e 8º anos, fizeram associações com a incessante busca pela liberdade dos escravizados, associando-a a uma luta. Em se tratando da sua origem, as turmas se dividiam mais nas hipóteses da origem africana – a que prevaleceu mais – e da origem brasileira, poucos trouxeram a opinião da origem afro-brasileira.

Quanto a isso, por conhecermos a maioria do público discente da respectiva escola, foi possível em todas as turmas inferirmos que os poucos estudantes que fizeram relação da Capoeira com a origem afro-brasileira, foram os que tiveram algum contato com a história da capoeira anteriormente em aulas do projeto ou em palestras e atividades que tínhamos desenvolvido em anos anteriores na Semana da Consciência Negra nas suas escolas, pois mesmo não estando em sala de aula como professor, eu e o grupo de capoeira fomos solicitados algumas vezes para fazermos apresentações e palestras sobre a temática africana e afro-brasileira, mais diretamente sobre a capoeira e sua contribuição no combate ao racismo. Os referidos alunos que compõem as turmas de 6º ao 8º ano, possuem idade entre 11 e 14 anos em sua maioria, suas famílias, seguindo um perfil comum na cidade, a maioria tem limitações financeiras e menor acesso a bens e serviços.

Quando a sua origem foi explicada, ao mostrar a capoeira como um movimento político, as turmas compreenderam mais facilmente o sentido e a necessidade da criação dessa

arte-luta e sua importância na resistência contra o sistema escravocrata e busca da liberdade do povo negro. Nota-se que quando se expõe o contexto histórico em que a capoeira foi criada, em meio ao sofrimento e desumanidade, conseguimos sensibilizar e despertar a curiosidade e o senso crítico dos estudantes.

Busquei, após um mês de aulas, alterná-las entre teoria, musicalidade e movimentações da capoeira, pois essa metodologia de divisão evitaria a mesmice e o cansaço nas aulas, porque muitos estudantes reclamam da carga horária e das atividades excessivas do ensino em tempo integral. Mas, vale ressaltar que todas essas aulas práticas também tem um conteúdo histórico, pois cada movimentação traz um leque de sentidos sobre a capoeira que ficam explícitos durante as aulas. Para mais, a seguir refletimos acerca da música como fonte histórica e recurso para o ensino de história.

2.1 A CAPOEIRA E A MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA E RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

A música, em geral, possui uma diversidade de significados e funções. Além de ser fonte para determinados estudos, podemos – a partir dos conteúdos que apresentam em seus versos e do contexto de sua criação – utilizá-la como recurso pedagógico para o ensino de história. Nesse sentido, cabe ressaltar que

Muitas músicas vêm carregadas de materiais simbólicos que auxiliam na compreensão de uma dada realidade, uma vez que permitem a construção de novas leituras. Uma canção pode auxiliar os ouvintes mais atentos a se situar dentro de um contexto histórico, construindo novos significados. (CHAVES, 2021, p. 297).

No entanto, Bittencourt (2008, p. 379-380) nos alerta para atentarmos que:

Se existe certa facilidade em usar a música para despertar interesse, o problema que se apresenta é transformá-la em objeto de investigação. Ouvir música é um prazer, um momento de diversão, de lazer, o qual, ao entrar na sala de aula, se transforma em uma ação intelectual. Existe enorme diferença entre *ouvir* música e *pensar* a música.

Com isso, vê-se a necessidade de o(a) professor(a) estudar e planejar para fazer esse tipo de abordagem aos temas históricos através de músicas.

A musicalidade na capoeira dá a ela uma identidade singular e apresenta sua história de resistência. Segundo Amaral e Santos (2015, p.66), “Suas letras, além de constituírem um registro histórico de uma época, cujas marcas e fraturas ainda se fazem presentes em nossa

sociedade, são uma forma de não se esquecer da barbárie cometida em solo brasileiro sob o regime escravocrata”. Nesse sentido, trago relatos das experiências vivenciadas a partir de algumas músicas de capoeira em seis turmas, do 6º ao 8º anos, do Ensino Integral da Escola Municipal Padre Simão Fileto.

2.1 “QUANDO EU VENHO DE LUANDA”: DIÁSPORA AFRICANA, COLONIZAÇÃO E O PROJETO DE DESTRUIÇÃO DO POVO AFRICANO

Na narrativa desse trabalho, escolhi seguir a cronologia das aulas. Assim, comecei trabalhando em uma aula posterior a música “Quando eu venho de Luanda”¹⁵ do Mestre Toni Vargas, considerado um dos maiores poetas da capoeira, que traz com ela um poema declamado intitulado “Arrancado de lá”.

Minha intenção ao planejar essa aula foi trazer a trajetória sofrida dos negros que foram arrancados de sua terra natal e de suas famílias para serem escravizados aqui no Brasil, ou seja, a diáspora africana. Disponibilizei a letra impressa e fizemos uma escuta ativa. Por ser o primeiro contato da maioria com esse tipo de músicas, repeti o processo para melhor entendimento da letra. Ao mesmo tempo, foi pedido que cada estudante grifasse palavras ou ideias que não entendessem. Para melhor contextualização, segue a letra do poema e da música:

Na sua terra o negro era gente
 Mas foi arrancado de lá
 Na sua terra o negro era forte
 Mas foi arrancado de lá
 Na sua terra o negro era bonito, era puro
 Mas foi arrancado de lá
 Na sua terra o negro era guerreiro
 Mas foi arrancado de lá
 Na sua terra o negro era rei
 Mas foi arrancado de lá
 Aqui o negro é nada
 Agora o negro é pouco
 Humilhado, espancado
 Sua coragem em frangalhos
 Mas dorme no peito do negro
 Latente em ódio
 Um grito de liberdade
 Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
 Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
 Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
 Quando eu venho de Luanda, eu não venho só

¹⁵ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bW6Bxo9cBwc>>. Acesso: 15 ago 2024.

O trago meu corpo cansado,
coração amargurado
Saudade de fazer dó
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Eu fui preso à traição
trazido na covardia
Que se fosse luta honesta
de lá ninguém me trazia
Na pele eu trouxe a noite
na boca brilha o luar
trago a força e a magia
presente dos orixás
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Eu trago ardendo nas costas
o peso dessa maldade
Trago ecoando no peito
o grito de liberdade
Que é grito de raça nobre
grito de raça guerreira
Que é grito da raça negra,
é grito de capoeira
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só
Quando eu venho de Luanda, eu não venho só

A interpretação e análise da letra nas turmas do 6º ano (ver figura 1) - que tem alunos com idades ente 11 e 12 anos, ainda no processo de transição de escolas de Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II – renderam algumas dúvidas, principalmente em torno dos significados das palavras “Luanda” e “orixás”, mas foram sanadas com facilidade.

Figura 1 - Aula com a turma do 6º ano



Fonte: Acervo do autor

No entanto, ao falar dos orixás e sua importância como representações de divindades das religiões de matriz africana tivemos que tratar da intolerância religiosa para combater alguns comentários pejorativos para com a crença religiosa afro-brasileira. Percebi em muitos casos, pela fala dos estudantes, que essas atitudes são o reflexo que trazem da família e do lugar social que estão inseridos, uma vez que, em cidades interioranas com forte influência das religiões cristãs, existe um preconceito contra a cultura afro-descendente, se não explícito, muitas vezes velado.

Nas turmas de 7º anos, também surgiram alguns comentários com teor de racismo religioso em torno da palavra “orixás”, uma vez que, alguns já sabiam do significado. Mas, durante a aula busquei combater esses preconceitos, e o debate em torno da música se deu com mais eficácia, surgindo questões associadas ao tema que não estavam presentes na música, como a escravidão em outros países.

Foi um sinal de que devo valorizar o conhecimento prévio dos estudantes para que possam entender que existem sentidos nas entrelinhas dos textos que também são muito importantes para associarmos fatos que aconteceram na mesma época em locais diferentes. Nesse sentido, Freire (1996, p.30) enfatiza que,

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo,

discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Assim, vê-se que é no processo de ensino-aprendizagem é muito importante considerar os elementos e saberes relacionados com a realidade de cada educando(a) na perspectiva de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.47).

Ao desenvolver a mesma temática nas turmas dos 8º anos – com adolescentes de 13 e 14 anos – o debate foi bem melhor. Mesmo nessas turmas de adolescentes, nas quais uma parcela de estudantes acaba não sendo muito participativa, os que participaram demonstraram interesse pela temática e pela metodologia adotada, afirmando que a utilização das músicas em aulas era muito legal.

Ao final dessas aulas sempre fiz o momento de aprendizado da letra da música. Utilizando o berimbau e o pandeiro, cantamos a música coletivamente, o que deixou a turma empolgada, pois relatam um certo desgaste e preguiça para atividades teóricas que utilizam apenas a escrita e leitura. Outro fator positivo ao meu favor é que a maioria gosta de música e tem uma certa afinidade com alguns instrumentos de percussão. Nesses momentos de utilização de instrumentos, até os menos participativos se envolveram mais.

2.2 A MÚSICA “CORTA CANA”, O TRABALHO E A CONDIÇÃO DOS ESCRAVIZADOS NEGROS: “LIVRE COMO UM ANIMAL E ACUADO COMO UM BICHO”

Ao planejar uma aula posterior, para as turmas de 6º ao 8º anos do ensino integral, trouxe mais uma música do Mestre Toni Vargas, intitulada de “Corta cana”. A intenção foi apresentar um pouco da realidade do trabalho escravo nas fazendas expressa nesses seguintes versos:

O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho
 Corta cana no canavial
 O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho
 Corta cana no canavial
 Eu tive pai, eu tive mãe eu tive filha
 Mas perdi toda a família, a liberdade e o amor
 E hoje em dia eu só tenho dor e calo
 Trabalhando no embalo, do chicote do feitor
 O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho
 Corta cana no canavial
 Eu já fui rei, a minha mulher foi rainha
 Pela mata eu ia e vinha, livre como animal
 Mas hoje em dia, sou como um bicho acuado

Trabalhando acorrentado, preso no canavial
 O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho
 Corta cana no canavial
 A alma negra nunca foi escravizada, correu menina levada
 Brincado no céu de lá
 Roubaram o Sol, roubaram a noite e meu dia
 Só não roubaram a poesia que eu trago no meu cantar
 O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho
 Corta cana no canavial
 Eu sou guerreiro tenho fé e tenho crença
 Porque me firmo na bênção, que ganhei dos orixás
 Sou cana forte, sou memé cana caiana
 Minha doçura te engana, é ruim de me derrubar
 O corta cana, corta cana, corta cana, nego velho
 Corta cana no canavial
 O nego velho corta cana, corta cana, corta cana, no canavial, nego velho¹⁶

Nessa aula, ao analisar a música, pedi que os estudantes, a cada verso buscasse imaginar a realidade da época e se colocasse no lugar desses africanos escravizados. Também usei a metodologia de escuta ativa e distribuição da letra impressa. O conteúdo da música sensibilizou a maioria dos estudantes. Apesar de alguns não participarem efetivamente, mas foram uma parcela mínima das turmas.

Os estudantes das turmas de 6º anos precisaram de uma explicação mais detalhada, mas foram as turmas mais participativas na hora que cantamos a música, uma vez que, na capoeira é necessário que todos cantem nas rodas, para que se passe uma boa energia. Nas turmas de 7º e 8º anos a discussão foi mais direta, sendo levantadas outras questões como, se hoje em dia ainda existia escravidão no Brasil.

Com isso tratamos das situações análogas à escravidão, como o trabalho forçado em situações degradantes, as atividades muito exaustivas que não tem remuneração proporcional e quando o trabalhador é obrigado a permanecer no seu local de trabalho. Utilizei uma história que muitas pessoas me contavam quando estive trabalhando no estado de Goiás. Diziam que alguns fazendeiros faziam promessas de emprego com bons salários para trabalhadores, esses iam para as fazendas e lá eram mantidos sem salário, presos e sob vigilância sem poder sair das fazendas. Não sei o grau de veracidade da história, mas serviu para ilustrar e esclarecer as situações discutidas. A avaliação da aula se deu durante as discussões em torno da participação e assimilação do conteúdo realizada através de questionamentos sobre o tema.

¹⁶ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UjyawMU1RnA>>. Acesso: 10 jun 2024.

2.3 “DONA ISABEL QUE HISTÓRIA É ESSA? A PRINCESA BOAZINHA QUE FEZ A ABOLIÇÃO”? NÃO, A ABOLIAÇÃO SE FEZ NO E COM O SANGUE DOS NEGROS

Outra música importantíssima que levei à sala de aula, “Dona Isabel”, com autoria do mesmo mestre das anteriores, o Toni Vargas, traz a discussão sobre a abolição da escravatura. A ideia central é em torno do questionamento de quem foi responsável por tal acontecimento. O autor faz sua crítica ao que se ensina nas escolas, colocando a Princesa Isabel como principal responsável pela abolição, que é uma prática de um currículo eurocentrista, “responsável por muitas das contradições e das incongruências, das distorções e das anomalias, das desordens e dos desconcertos, enfim de boa parte das tensões que marcam as relações étnico-raciais no contexto escolar” (SILVA, 2021, p.6).

Pelo contexto histórico, cabe destacar que há esse tempo, “Ser visto como responsável pela abolição da escravatura no Brasil era fundamental para os rumos do país, para as forças políticas e a manutenção do regime imperial” (LUCINDO, 2022, p.144), representado pela princesa em questão.

Com a música, o mestre tenta desconstruir essa ideia em seus versos e conta a versão verdadeira do acontecimento histórico. Na gravação consta também um trecho do Código Penal de 1890, que trata da proibição da capoeira, num momento histórico em que acontecia uma terrível repressão direcionada as manifestações afrodescendentes. Segue o respectivo trecho e a letra da música:

Código Penal da República dos Estados Unidos Do Brasil
 Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890
 Capítulo 13: Dos vadios e capoeiras
 Artigo 402: Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecido pela denominação "Capoeiragem", andar em correrias com armas e instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal.
 Pena: De Prisão celular de 2 a 6 meses
 Parágrafo único: É Considerável circunstancia agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta, Aos chefes ou cabeças Se em porá pena em dobro.
 Dona Isabel que história é essa?
 Dona Isabel que história é essa
 Oi, ai, ai!
 De ter feito abolição?
 De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
 tô cansado de conversa
 tô cansado de ilusão
 Abolição se fez com sangue
 Que inundava este país
 Que o negro transformou em luta
 Cansado de ser infeliz

Abolição se fez bem antes
 E ainda há por se fazer agora
 Com a verdade da favela
 E não com a mentira da escola
 Dona Isabel chegou a hora
 De se acabar com essa maldade
 De se ensinar aos nossos filhos
 O quanto custa a liberdade
 Viva Zumbi nosso rei negro
 Que fez-se herói lá em Palmares
 Viva a cultura desse povo
 A liberdade verdadeira
 Que já corria nos quilombos
 E já jogava capoeira
 Iê! V
 iva Zumbi...¹⁷

Trabalhamos a referida música na semana do 13 de maio de 2024, abordando a data de assinatura da Lei Áurea. Muitos alunos nem sequer conheciam os personagens da música, a Princesa Isabel e Zumbi de Palmares, nem seus feitos durante a escravidão no Brasil. Iniciei as aulas em todas as turmas com questionamento sobre a data do 13 de maio, por unanimidade, ninguém lembrava do que se tratava.

Ao explicar alguns foram lembrando vagamente. Depois disso, entramos na discussão da letra da música no intuito de fazer essa desconstrução que a música traz, mas sem tirar a importância da assinatura da lei, uma vez que, as leis regem o país. Apresentei os pontos positivos e negativos dela.

Nessa análise todas as turmas apresentaram uma certa dificuldade na interpretação da letra. O trecho que mais direcionaram dúvidas foi o que diz “Abolição se fez bem antes, e ainda há por se fazer agora, com a verdade da favela e não com a mentira da escola”, mas também foi a peça do quebra-cabeça, ou seja, quando expliquei o sentido desses versos, o restante da música ficou mais claro.

O diferencial entre as turmas foi a ideia dada pelo 7º “A” de ensaiar a música pra fazer um coral. Nessa turma, apesar de existirem alguns atritos entre os estudantes, é uma das que mais se envolvem com as atividades propostas, uma vez que, a maioria dos alunos/alunas participam das aulas do projeto fora da escola. Repassei a ideia em outras turmas e tive um pouco de resistência dos demais. Ainda não consegui colocar em prática a ideia, mas pretendo.

¹⁷ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NIU2daD9HY4>>. Acesso: 12 jul 2024.

2.4 A MÚSICA “ÁFRICA MEU LUGAR” E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA E DE PERTENCIMENTO

Para refletirmos sobre a construção de uma identidade negra e de pertencimento, trabalhamos com as turmas a música “África meu lugar” do Contramestre Marivan¹⁸:

Quando eu armei, o som não chegou
 Meu coração bateu descompassado
 E nos meus olhos a lágrima rolou
 Pois lembrei do meu povo, lá no passado
 Quantos morreram pra eu chegar aqui
 Quanto suor, quanto sangue derramado
 E no final eu sempre fui um rei
 Que chegou de navio, acorrentado
 Eu nunca fui escravo
 Por isso vou lhe falar
 Eu vim lá de Mãe África
 África é o meu lugar
 África é o meu lugar
 África é o meu lugar

Ao analisarmos a letra, tentamos mostrar os sentimentos de rememorar uma história triste e de dor, mas também de luta e de resistência, história essa que também é a nossa. Inicialmente lemos a letra da música, depois cantamos para os estudantes. Em seguida, explicamos verso por verso.

O primeiro verso diz que quando o capoeirista armou o berimbau seu som não chegou e associamos isso ao sentimento de tristeza por lembrar do passado de seu povo. Esses primeiros versos as turmas não entenderam no primeiro contato com a música. Os versos seguintes tratam da importância dos antepassados na construção do nosso caminho, quem nós nos tornamos. No verso “Eu nunca fui escravo” ressaltamos sobre essa condição de não serem escravos e sim escravizados. Por fim, tratamos questões de identidade e pertencimento.

Nas turmas de 7º e 8º anos – ver figura 2, o entendimento foi mais rápido e pudemos dialogar em uma roda de conversa sobre o sentir-se negro(a) e a importância da África, sua história e culturas, ressaltando que ela é o lugar de toda a humanidade, é lá que estão nossas origens.

¹⁸ Marivan Geraldo Gomes de Lima é contramestre de capoeira pela Escola de Capoeira Angola Comunidade de João Pessoa-PB.

Figura 2 - Aula com a turma do 8º ano



Fonte: Acervo do autor

Infelizmente tivemos casos de estudantes negros(as) que ainda não desenvolveram um pensamento sobre sua identidade e na dinâmica da aula, não se assumiram negros/negras. Perguntei diversas vezes, me direcionando a esses estudantes e não obtive resposta ou respostas rasas e sem sentido.

Aparentemente pode ser vergonha ou medo de se assumir, pois as brincadeiras de cunho racista já foram relatadas por outros professores nessas turmas. Considero que ao trabalhar massivamente com a temática africana e afro-brasileira, é possível desconstruir certos preconceitos e essa negação de identidade, buscando transformar o ambiente escolar através de práticas antirracistas.

2.5 A DERROTA DO MARECHAL”: O PROJETO DE CRIMINALIZAÇÃO E PROIBIÇÃO DA CAPOEIRA E A RESISTÊNCIA DOS NEGROS

Escolhi em outra aula trazer mais uma música que trata da capoeira e da resistência do povo negro. Em resumo, a música também traz relatos de quando a capoeira foi criminalizada e inserida no código penal pelo Marechal Deodoro da Fonseca, ressaltando seu poder de resistência contra um sistema racista e opressor, pois apesar de todas as atrocidades praticadas contra o povo negro no Brasil se mantiveram de pé e conscientes de sua força.

Infelizmente não temos muitas informações sobre o compositor e o verdadeiro nome da música. Em algumas redes sociais encontramos intitulada de “O Marechal” ou “Certa vez um marechal”, composição atribuída a Policarpo Quaresma, aluno do finado Mestre Casquinha. Segue a letra:

Certa vez um marechal
Mandou proibir
Uma luta que o pessoal
Fez pra resistir
Da tão vil escravidão
Que existia
Mas não adiantou nada
A capoeira está aí
Mas não adiantou nada
A capoeira está aí
Conseguiram nos tirar da África
E prenderam às correntes
Não dominaram nossa consciência
Nem conseguiram tirar África da gente
Não dominaram nossa consciência
Nem conseguiram tirar África da gente
Quem mandou?
O marechal quem mandou...¹⁹

Essa foi a música que marcou mais, pois foi a que os alunos/alunas aprenderam mais rapidamente. Apresentamos ela inicialmente cantando com o recurso da letra impressa e com instrumentos. O principal objetivo com essa música foi fazer uma reflexão em torno da ideia de como o povo africano foi retirado da sua terra, dominado e escravizado aqui no Brasil, mas que, sua consciência nunca foi dominada, sendo esse um fator determinante para toda a sua resistência e luta por liberdade.

¹⁹ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Prjb23iX11o>>. Acesso: 14 ago 2024.

Figura 3 - Aula com a turma do 7º ano



Fonte: Acervo do autor

Enfatizamos nas aulas o papel da capoeira nesse processo, sua trajetória, de luta escrava a ferramenta pedagógica no ensino escolar. Nessa semana, as aulas tiveram horário reduzido, por conta das avaliações bimestrais, e trabalhamos apenas com a reflexão em torno da letra. Em todas as aulas que fazemos a roda de capoeira, procuro cantar as músicas que analisamos anteriormente, no intuito de estar sempre relembrando e revisando as temáticas, como é possível visualizarmos na figura 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho permitiu-nos conhecer, refletir e praticar de forma pedagógica e política no currículo de História a Lei 10.639/2003, e mostrar sua importância para uma educação baseada nas relações étnico-raciais, identificando alguns obstáculos que impedem a implementação dessa lei de forma efetiva. Através dele e da prática em sala de aula, pudemos perceber o quanto ainda é falho o ensino/abordagem da temática “História e Cultura Africana e Afro-brasileira” nas escolas do nosso município, pois mesmo depois de mais de 20 anos da sanção da referida Lei, a implementação do que ela determina caminha a passos lentos.

Com base nisso, mostramos como a Capoeira pode contribuir para o ensino que engloba a história e a cultura dos povos africanos e afrodescendentes. Entretanto, embora a Capoeira esteja presente em algumas escolas brasileiras, em suas aulas dificilmente se dá ênfase ao contexto histórico, prevalecendo a abordagem numa perspectiva motora, fator esse que afeta também as pesquisas nessa área.

Com relação ao ensino da temática africana e afro-brasileira ministrado nas salas de aula, vemos alguns pontos negativos como: a má formação de professores, e também a negligência e contradição do próprio sistema de ensino. Além disso, devemos salientar que há “profissionais” da educação que compactuam com essas práticas impostas verticalmente por esse sistema, às vezes por comodismo e descaso, às vezes por preconceito.

Desse modo, vê-se a necessidade de uma abordagem diferente da temática, que só se dará a partir da construção de uma visão antirracista para com ela, e que a Capoeira precisa estar presente nas escolas, porém, os profissionais responsáveis pela execução das aulas devem ser capacitados, para que a prática educativa através da Capoeira seja efetiva, humanizadora e emancipatória, favorecendo uma verdadeira implementação da Lei 10.639/2003. Para mais, cabe ressaltar que nossa experiência com a musicalidade da capoeira atende aos requisitos para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Por fim, percebi que a prática pedagógica antirracista que desenvolvi durante esses meses vem interferindo positivamente nas relações étnico-raciais na escola. Vi também que é um trabalho árduo, mas, quando vemos os resultados positivos é compensador. Nessa relação dialógica de construção de conhecimento a partir da musicalidade da capoeira pude me reinventar várias vezes, provando da necessidade do professor em repensar suas práticas e buscar metodologias que possibilitem um processo de ensino aprendizagem melhor. Aprendi muito e fortaleci minha convicção da importância do ensino de história na formação de

sujeitos críticos, principalmente no que diz respeito ao ensino da temática africana e afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Junger. **Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13049>>. Acesso: 20 maio 2024.

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine; SANCHEZ, Livia Pizauro. **Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social**. Revista Pró-Posições. v. 28, n. 1(82). jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00055.pdf>>. Acesso: 15 maio 2024.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. **Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 54-73, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/riebr/a/z6PmLtDRxtQ9bHdcMvLXXrJ/abstract/?lang=pt> > Acesso: 20 maio 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso: 19 jun 2024.

_____. **Lei nº 9.394/96**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso: 19 jun 2024.

_____. **Lei nº 10.639/2003**, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso: 19 jun 2024.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CHAVES, Edilson Aparecido. **A música como fonte e objeto de pesquisa para o campo do ensino de História**. In: ANDRADE, Juliana Alves de. PEREIRA, Nilton Mullet (Orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2021.

CUBATI -PB. Secretaria Municipal de Educação. **Plano Municipal de Educação**. Cubati, 2015.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PADRE SIMÃO FILETO. **Projeto Político Pedagógico-PPP**. Cubati, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso: 10 maio 2024.

LUCINDO, Willian Robson Soares. **A quem se deve a abolição: negros e as manifestações de 13 de maio em Campinas e Piracicaba (1888-1889).** Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 23, n. 49, p. 126-147, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/3FfgW9CJNJRhsC7fBzPVLxN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso: 19 jun 2024.

MATTOS, Sandro da Costa. **O livro básico dos Ogãs.** São Paulo: Ícone, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção textual na universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história africana nas salas de aula: diálogos e silêncios entre a Lei nº 10.639/03 e os especialistas.** In: MACEDO, José Rivair (org.). **Desvendando a história da África.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Série Diversidades, p. 195-210. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832.pdf>>. Acesso: 19 jun 2024.

OLIVEIRA, Nathália Pereira de; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista.** Revista Brasileira de Educação, v.28, p.1-23, e280101, 2023.

PAULA, Benjamin Xavier de; GUIMARÃES, Selva. **10 anos da lei federal nº 10.639/2003 e a formação de professores: uma leitura de pesquisas científicas.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 435-448, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/v40n2a09.pdf>>. Acesso: 19 jun 2024.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião.** In: DAIBERT JÚNIOR, Robert; PEREIRA, Edimilson de Almeida (Orgs.). **Depois, o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

SILVA, Maurício. **Da educação eurocêntrica à educação antirracista: uma introdução.** Dialogia, São Paulo, n. 38, p. 1-10, e20213, maio/ago. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/38.2021.20213>>. Acesso: 16 jun 2024.

SOUZA, Walce. **Capoeira – arte mágica.** Goiânia: Editora, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.